

A dark, grainy photograph of a trash dump. The ground is covered with various pieces of trash, including plastic bags, cardboard, and other debris. The lighting is low, creating a somber and gritty atmosphere. The text 'NÓIS DE TEATRO APRESENTA' is overlaid in the center in a clean, white, sans-serif font.

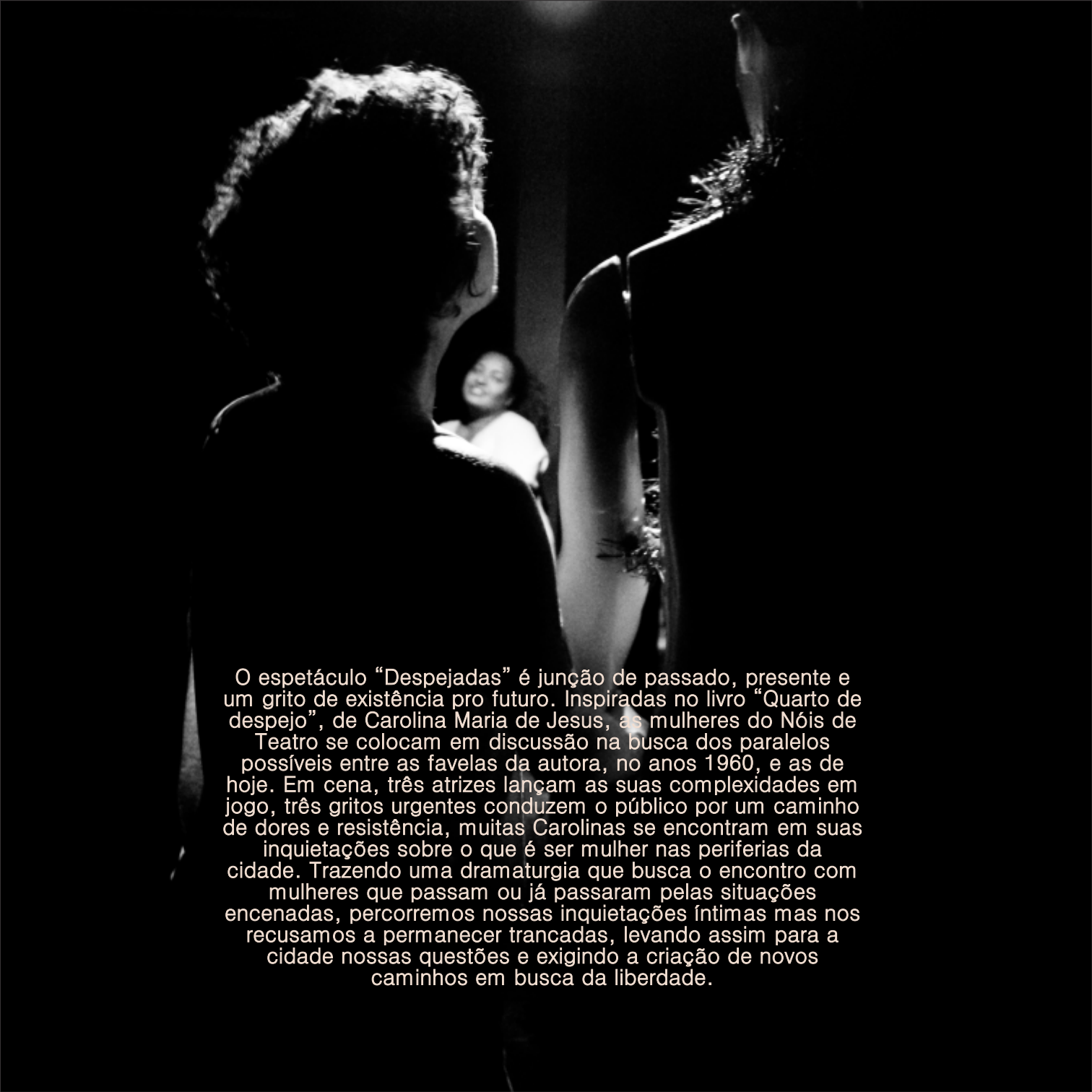
NÓIS DE TEATRO APRESENTA

DESPEJADAS

“E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa”

Lélia Gonzalez






O espetáculo “Despejadas” é junção de passado, presente e um grito de existência pro futuro. Inspiradas no livro “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, as mulheres do Nóis de Teatro se colocam em discussão na busca dos paralelos possíveis entre as favelas da autora, no anos 1960, e as de hoje. Em cena, três atrizes lançam as suas complexidades em jogo, três gritos urgentes conduzem o público por um caminho de dores e resistência, muitas Carolinas se encontram em suas inquietações sobre o que é ser mulher nas periferias da cidade. Trazendo uma dramaturgia que busca o encontro com mulheres que passam ou já passaram pelas situações encenadas, percorremos nossas inquietações íntimas mas nos recusamos a permanecer trancadas, levando assim para a cidade nossas questões e exigindo a criação de novos caminhos em busca da liberdade.







Direção: Edna Freire | **Elenco:** Amanda Freire, Nayana Santos e Kelly Enne Saldanha | **Assistente de Direção:** Henrique Gonzaga | **Texto:** Composição dramaturgica coletiva inspirada no livro "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus | **Dramaturgista:** Altemar Di Monteiro | **Trilha Sonora:** Bruno Sodré | **Iluminação:** Marcos Vinícius | **Cenografia:** Bruno Sodré | **Figurino:** Ruth Aragão
Assistentes de Figurino: Daniela Costa, Breno Oliveira, Rochelle Nunes
Preparação Vocal: Henrique Gonzaga | **Fotografia:** Bruno Sodré e Amanda Freire
Projeto Gráfico: Altemar Di Monteiro | **Colaboração:** Adriana Schneider Alcure e Dorotéia Ferreira | **Produção:** Nós de Teatro



“Sejam bem vindas... sejam bem vindos... hoje a casa é nossa!”

Ao entrar nessa casa, observe todo o lixo que se espalha. Ele está em todos os lugares, principalmente, nos lugares mais afastados, nas margens, bem longe do centro... é lá que está. E em meio ao lixo da cidade, estamos nós, invisíveis sociais, silenciadas pelas demandas e interesses de outros centros. Do meio do lixo estamos descartadas, descartáveis, objetos fora de uso. Nós, mulheres negras e não negras se misturam nessa periferia. Mas notoriamente são despejados em nós, as de cor, a responsabilidade de dar conta de um mundo muito maior que nossas pernas abarcam. Estigmatizadas, esquecidas, massacradas, “Despejadas” é a cena como lugar de fala. Os despejos sociais, corporais, intelectuais, são volumes desse imenso lixo coberto pelo tapete da sala de estar. Saímos todos os dias do meio dos entulhos, dos detritos, dos restos, em direção a “cidade” para limpar o lixo que ela produz. Todo esse lixo da cidade, será limpo por ela. Por mim. E esse estereótipo, do lugar da mulher negra, foi construído historicamente, colocando a mesma num panorama sócio/cultural/econômico bem distantes das demais camadas da sociedade.

Esse é o lado público, visto e escancarado por nossa sociedade ainda carente de atenção às demandas sociais das mulheres periféricas. Mas dentro de casa, no silêncio e na solidão de ser quem somos, temos ainda a obrigação de engolir refeições indigestas, carregar pesos massacrantes, sempre tendo o outro como responsabilidade. A elas/



nós, nos foi dado apenas uma única escolha, de ser forte o suficiente para suportar e caminhar. Aguentar caladas os espancamentos por dependências financeiras e/ou psicológicas. Aguentar caladas as humilhações para ter e levar o de comer para seu lar. Aguentar caladas os abusos e estupros por saberem o quanto seriam ainda mais acusadas por serem vítimas. Aguentar caladas a solidão de tantas responsabilidades. Aguentar caladas a morte de seus filhos, assassinados por um estado falho e omissos. Aguentar caladas as vezes que tentou se expressar e foi silenciada. Aguentar caladas as vezes que se sentiram invisíveis. Será que estamos invisíveis?

Dos movimentos emancipatórios, tivemos a oportunidade de participar. Mas a presença do machismo e do racismo, nos fez, historicamente, buscar entender o nosso próprio lugar. Estivemos invisíveis também dentro de muitos desses movimentos. O reconhecimento de nossas lutas são urgentes. Ainda não somos ouvidas. E diante disso, não estamos mais dispostas a continuar invisíveis. Não queremos continuar sendo essa esfera da sociedade que ocupa os últimos lugares. Quando teremos um nivelamento social/econômico? Por quanto tempo ainda teremos nossa voz sobreposta? Até quando teremos que segurar a armadura de Fortaleza?

Todo esse lixo não é nosso. E não estamos mais dispostas a esconder ele debaixo do tapete. E nem deixaremos que o façam. Dentro ou fora do lar, não estamos mais dispostas a calar, aguentar, manter, sobreviver... Estamos dispostas a muito mais!

Por Kelly Enne Saldanha



*"40% das mulheres que
sofrem violência
doméstica são
evangélicas"*